

O GUERREIRO TREME TERRA ALAGOANO:

a contribuição de mestre Benon para a história do folguedo de Alagoas¹

The Guerreiro Treme Terra Alagoano: the contribution of master Benon to the story of the folguedo of Alagoas

Juliana Gonçalves Freire

Doutoranda em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

RESUMO. Este artigo tem como objetivo apresentar o grupo de Guerreiro Treme Terra Alagoano, do mestre Benon. A sede do grupo era na cidade de Maceió e esse espaço foi fundamental para o mestre organizar seu grupo e ensinar aos brincantes do seu Guerreiro os valores dessa manifestação. Assim, o primeiro momento desse artigo tem como objetivo apresentar algumas características do Guerreiro e o nome de seus personagens. No segundo momento, o foco é apresentar a trajetória de Benon como brincante e mestre de folguedos. No terceiro momento, o objetivo é apresentar os meios que o mestre Benon encontrava para manter as atividades de seu grupo diante de alguns obstáculos que ele encontrava no meio urbano. Assim, por meio da imersão no campo de pesquisa, através do convívio por alguns dias e das muitas conversas que mantive com as pessoas envolvidas, pude conhecer os detalhes que há por trás do colorido das roupas e do brilho das lantejoulas.

PALAVRAS-CHAVE: Guerreiro. Folguedo. Cultura Popular. Mestre Benon.

ABSTRACT. This article has as objective to present the group of Guerreiro Treme Terra Alagoano, of the master Benon. The headquarters of the group was in the city of Maceió and this space was fundamental for the master to organize his group and to teach to the players of his Guerreiro the values of this manifestation. Thus, the first moment of this article aims to present some characteristics of the Warrior and the names of his characters. In the second moment, the focus is to present the trajectory of Benon like gibberer and master of folguedos. In the third moment, the objective is to present the means that the master Benon found to maintain the activities of his group before some obstacles that he found in the urban environment. Thus, through immersion in the field of research, through the conviviality for a few days and the many conversations I had with the people involved, I was able to know the details behind the color of the clothes and the glitter of the sequins.

¹ Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

KEYWORDS: Guerreiro. Folguedo. Popular Culture. Master Benon.

Esse negro que se veste de Rei no Auto dos Guerreiros sabe que gastou quase tudo o que o que possuía para comprar o Manto e a Coroa, mas acha que a alegria de vesti-lo é compensação muito maior do que o preço pago. Ariano Suassuna. In: A Pedra do Reino.

Esse artigo tem como proposta refletir acerca do grupo de Guerreiro do mestre Benon, da cidade de Maceió-AL. Mestre Benon foi um grande mestre da cultura popular alagoana e uma importante referência para outros mestres e brincantes. Faleceu aos 79 anos, no ano de 2016. Esse trabalho apresenta um pouco do legado que Benon deixou para gerações de brincantes em Alagoas. Foram muitas apresentações, muitos grupos de folguedos criados por ele e muita história para contar. O seu último grupo de folguedo foi o grupo de Guerreiro Treme Terra Alagoano. Portanto, para conhecer melhor o grupo foi preciso conhecê-lo fora dos palcos. Durante os ensaios, foi possível compreender as relações estabelecidas entre os brincantes, a contribuição de cada um para o folguedo e como o mestre Benon transmitia os seus ensinamentos.

Dessa forma, para o desenvolvimento da proposta apresentada, esse artigo está dividido em três momentos. No primeiro tópico, o foco foi apresentar um pouco do folguedo Guerreiro e suas principais características. No segundo momento, são apresentadas as informações relacionadas ao grupo de Guerreiro do mestre Benon. A partir da pesquisa de campo, puderam-se compreender os desafios que um grupo de Guerreiro enfrenta na contemporaneidade.

UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE A HISTÓRIA DO FOLGUEDO GUERREIRO

O Guerreiro surgiu em fins da década de vinte do século XX², segundo os registros de alguns folcloristas como Aberlado Duarte, Théó Brandão e Alceu Maynard, na zona da Mata, no meio rural do Estado de Alagoas. É um folguedo que foi caracterizado pelos pesquisadores do folclore como genuinamente alagoano, por ter sido identificado

² Ver Théó Brandão (2007) e Aberlado Duarte (2010), publicado pela Editora da Universidade Federal de Alagoas.

unicamente neste Estado. Para o folclorista alagoano Théo Brandão, este seria uma ramificação dos Reisados – um Reisado Moderno (2007, p. 76).

O reisado, uma das danças que deu origem ao Guerreiro, também resultou da fusão de autos diversos (DUARTE, 2010, p. 283). Edson Farias (2009) compreende o Reisado como uma “mistura de fé, festividade e dança”. Abelardo Duarte (2010) ressalta que as tradições africanas, trazidas ainda no período colonial, foram essenciais para a criação dos folguedos populares. Acrescenta que em Maceió havia muitos negros vindos do Congo e de Angola, e que estes trouxeram várias festas.

Um personagem central do Reisado que está presente também no Guerreiro é o Mateus (ou Mateu, como falam os brincantes). Este foi definido pelo pesquisador Abelardo Duarte (2010) como tragicômico. A comicidade do Mateus é por conta de sua alegria e brincadeira, durante as apresentações seu papel é animar os outros brincantes e a plateia. A parte trágica se dá no episódio do Boi, em que este recebe uma pancada e morre. Posteriormente, como escreve Duarte (2010), o Boi se levanta, renascendo. O que caracteriza o figurino do personagem Mateus é o encarvoamento³ do rosto, sendo que mesmo as pessoas negras pintam a face. Esse processo se dava com carvão e banha de porco. Para mestre Benon, o Mateus representa os negros fugitivos.

Os participantes/brincantes do Guerreiro possuem em suas vestes muitas cores, espelhos, fitas, mantos. Théo Brandão (2007, p. 76) salienta que muitos grupos “imitavam os trajes nobres da colônia, adaptados ao gosto e possibilidade econômica do povo”. O detalhe dos figurinos, com base no que os folcloristas registraram, não passou por grandes mudanças, apenas adaptações. Um exemplo é do grupo de Guerreiro Vilelense Mimo do Céu, da cidade de Teotônio Vilela, zona da Mata de Alagoas, o qual apesar de ter como membros crianças e adolescentes, mantêm as vestes coloridas, cheias de espelhos e outros enfeites, sendo nesse caso adaptadas para seus tamanhos⁴.

O que caracteriza também o Guerreiro é o grande chapéu em formato de igreja, que fica sob a cabeça do mestre do grupo, sendo este um dos principais símbolos deste auto. Usado em diversos trabalhos de publicidade para divulgar eventos que acontecem em Alagoas, “tornou-se marca de forte apelo turístico e institucional” (CAVALCANTI;

³ Atualmente esse processo de escurecer a face é feito com tintas escuras, não mais com banha de porco e carvão.

⁴ Pesquisa de campo que realizei em 2012.

ROCHA, 2007, p. 30). Para os brincantes do grupo, o significado do chapéu é a ligação do auto com a religiosidade cristã.

Apesar da aproximação com o cristianismo, por meio dos chapéus dos mestres em formato de igreja, Brandão (2003) observou como a influência das religiões afro foi sendo absorvida pelos grupos não apenas no ritmo, através do ganzá e tambores, mas também em suas letras. O pesquisador Amaro Braga (2011) observa que algumas características das religiões afro-brasileiras influenciam diretamente o folclore nacional, por meio das cores, da musicalidade e dos valores religiosos e morais contidos em folguedos como o Guerreiro. Braga afirma que:

[...] a capacidade da cultura afrobrasileira ou afro-descendente de manter-se erguida, em um processo de contribuição contínua, em meio a situações adversas ou conflitantes. Os estudos folclóricos têm demonstrado como boa parte do patrimônio cultural brasileiro é oriundo, ou sofre influência direta, da cultura afro-descendente. Cores, temas, performances, gestos e maneirismos e até os valores, além dos mais óbvios como a musicalidade, a vestimenta e a alimentação entre uma série de outros componentes da cultura popular brasileira se estruturam ainda hoje mediados por uma herança africana (BRAGA, 2011, p. 318).

Os temas criados, cantados e dançados durante as apresentações dos Guerreiros são diversos: política, brigas, agradecimento, esclarecimento sobre algum fato, amor, ódio, amizade. Os personagens registrados pelos folcloristas e antropólogos são os mesmos, mas cada grupo possui a liberdade de acrescentar ou diminuir conforme suas necessidades e condições financeiras. Em geral, no Guerreiro temos os seguintes personagens: Rei, Rainha, Lira, Índio Peri e seus vassallos, Mestre e Contra Mestre, General, Catirina, Estrela Republicana, Estrela Brilhante, Estrela de Ouro, Sereia, Caboclinho, Palhaço, Mateus, Borboleta, Banda da Lua, Boi e por fim as figuras, que “apenas” cantam e dançam para dar beleza ao Guerreiro.

O Guerreiro é manifestado em todo o estado alagoano. Segundo os dados da Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, são 28 grupos registrados, mas existem muitos outros que não fazem parte dos números oficiais.⁵

⁵ Essa informação foi constatada com base na pesquisa de campo realizada em 2012, momento que conheci alguns grupos de Guerreiros não registrados na Secretaria de Cultura de Alagoas.

TREME TERRA DE ALAGOAS: um pequeno relato sobre o Guerreiro do mestre Benon, “rei do folclore alagoano”

O grupo “Treme Terra Alagoano” foi formado pelo mestre Benon na década de oitenta do século passado. Sua trajetória, como mestre, começou no ano de 1954, no município de Viçosa-AL. Os ensaios do seu grupo aconteciam semanalmente na periferia de Maceió, no bairro da Chã de Bebedouro. Mas sua vida no folguedo Guerreiro começou ainda criança, no interior de Alagoas, no município de Cajueiro. De todas as manifestações que presenciou e se envolveu, o Guerreiro foi a que mais lhe chamava atenção, por ser um folguedo com grande diversidade de personagens. Aos dez anos foi o Caboclinho, um dos personagens de um antigo grupo de Guerreiro de Alagoas, da respeitada mestra Joana Gajuru⁶.

Muitos mestres foram importantes para a sua formação no folguedo. No entanto, Benon afirma que ninguém lhe ensinou o ofício de mestre, foi algo que aprendeu sozinho. Não obstante, percebe-se em seus relatos a influência da família para seu engajamento em manifestações da cultura popular. Acerca da influência das pessoas mais próximas para o indivíduo se iniciar nos folguedos, Oswald Barroso (2004) afirma que o aprendizado do brincante tem início no seio familiar ou no grupo comunitário. A transmissão da cultura popular, como escreveu Peter Burke (1989) acontecia por meio da contação de histórias às gerações mais novas. Atualmente, os mestres de folguedos e os brincantes mais velhos ensinam aos mais jovens a importância do Guerreiro por intermédio de histórias e fatos curiosos de suas trajetórias na brincadeira.

A experiência religiosa de mestre Benon também foi marcante para seu amadurecimento como líder de folguedo. Quando adolescente, passou quatro anos em Salvador-BA, tocando tambor em centro de Umbanda, atividade que lhe deixaria mais engajado com o folguedo dos Guerreiros. Mestre Benon também era líder de um famoso trio de forró, chamado “Mordidos do Porco”, muito requisitado durante o período junino, para as festas de forró em Maceió.

⁶ Mestra nascida na cidade de Lagoa da Canoa-AL em 1866. Quando começou a organizar um grupo de Guerreiro, ela quebrou o costume da época de apenas os homens ficarem à frente do Guerreiro ou de qualquer folguedo. Ela foi a primeira mestra de Guerreiro conhecida e reconhecida por gerações de brincantes até os dias de hoje. Morreu no ano de 1986, aos 120 anos.

O mestre Benon afirmava que o Guerreiro é um folguedo abençoado, relatando que quando era jovem, a cabocla Iracema lhe apareceu falando que deveria continuar na brincadeira do Guerreiro e que antes das apresentações ele deveria se lembrar de Deus primeiramente e depois dela. Uma semana após esse primeiro encontro, a cabocla Iracema e o mestre Benon se encontraram novamente. No momento ela lhe entregou um apito com a recomendação de quando o apito parasse de funcionar ele jogasse fora. Há muitos anos o apito não funciona mais, no entanto, o mestre não quis se desfazer do objeto, por considerá-lo abençoado. Benon relatava que a cabocla Iracema lhe ensinou a abrir a sede, que é o ato de pedir bênçãos para que nada de errado aconteça com o grupo de Guerreiro. Apesar dessa aproximação com as entidades da matriz afro-religiosa, quando perguntado se os participantes do grupo ou se o próprio participava de algum terreiro de candomblé ou umbanda atualmente (conhecidos em Alagoas como Xangô) ele afirmava que não, pois todos são católicos.

Pelas atividades desenvolvidas como mestre de Guerreiro e por ter dedicado mais de sessenta anos às manifestações da cultura popular e estar apto a transmitir os conhecimentos para alunos-aprendizes – para que as gerações mais novas tenham a oportunidade de conhecer e participar do Guerreiro –, mestre Benon foi reconhecido em 2006 como Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas (Lei n. 6.513 de 22 de setembro de 2004). A lei do Patrimônio Vivo, além do auxílio financeiro concedido aos mestres e às mestras e brincantes da cultura popular, busca valorizar o trabalho das pessoas envolvidas e incentivá-las a continuar contribuindo para a manifestação do folguedo alagoano.

A lei do Registro do Patrimônio Vivo foi assinada pelo governo de Alagoas em 2004, desde então foram mais de quarenta pessoas que receberam o título de patrimônio vivo alagoano e uma bolsa mensal, vitalícia, no valor de um salário mínimo e meio. Este auxílio financeiro tem como objetivo incentivar o trabalho realizado pelos mestres (as) contemplados. Entre os deveres dos registrados está a transmissão do conhecimento para as gerações mais jovens, para que elas possam conhecer e viver as diversas formas de manifestações populares e tradicionais. Essa discussão em torno da valorização, transmissão e reconhecimento das pessoas que detêm algum tipo de conhecimento, de saber-fazer não é recente (GONÇALVES, 2015, p.118).

Desde então mestre Benon passou a receber uma bolsa mensal no valor de um salário mínimo e meio, como incentivo para que as atividades do seu grupo continuassem. O dinheiro que recebia era destinado ao “Treme Terra de Alagoas”; as despesas fixas de seu grupo eram as compras dos materiais que precisava para fazer os trajes, algumas

reformas na sede do grupo, pagamento dos instrumentistas e auxílio financeiro para o deslocamento dos brincantes nos dias dos ensaios e apresentações. Porém, o mestre sempre afirmava que o pagamento da bolsa atrasava todos os meses, o que causava alguns problemas para o seu grupo. Entre esses problemas a falta de materiais para a confecção dos trajes dos brincantes e o pagamento dos músicos nos ensaios e apresentações era uma de suas grandes preocupações, porque sem os trajes e os músicos o Guerreiro ficava incompleto⁷.

O grupo de Guerreiro do Benon era um dos poucos no Estado que possuía em média trinta e cinco pessoas. Ele defendia que para o grupo ser bonito seria necessário ter muitas pessoas envolvidas. No entanto, atualmente a maior dificuldade em desenvolver a atividade segundo diversos mestres e brincantes, é encontrar pessoas que possam se comprometer com as atividades do folguedo. Uma das saídas encontradas por mestre Benon, quando seu grupo estava ativo, foi convidar jovens da comunidade e estudantes de escolas públicas para conhecer o seu grupo, assim esses jovens poderiam conhecer e possivelmente manifestar interesse para integrar o Guerreiro.

A transmissão de conhecimento sobre o universo do Guerreiro é muito importante para o conjunto de novos e antigos brincantes. Ao ensinar aos mais jovens, mestre Benon enxergava a possibilidade do seu folguedo no futuro não cair no esquecimento. Thompson (1998, p.17) afirma que o aprendizado, além de ter como objetivo a iniciação dos adultos, serve como “mecanismo de transmissão entre as gerações”. Por isso os mestres ficam preocupados quando as gerações mais novas não procuram se envolver com o folguedo. Mestre Benon percebeu que se ele não fosse a busca dos mais jovens, estes não chegariam a ele. Em busca de “discípulos”, o mestre ofereceu oficinas que envolviam a confecção dos chapéus o folguedo em sua casa e nos espaços escolares; nestas ocasiões as peças do folguedo eram repassadas aos iniciantes. As peças são constituídas das músicas, da interpretação e da coreografia, as peças possuem assuntos diversificados, como já mencionado. Regina Abreu escreveu que o processo de ensino entre o mestre e seus brincantes tem como base a relação interpessoal

⁷ Nos eventos o mestre Benon, assim como todos os mestres de Guerreiro, prezam pela qualidade das vestimentas do folguedo, uma vez que o objetivo é mostrar rapidamente um pouco do universo do brinquedo.

existente entre eles. Abreu escreve que: “O mestre ensina fazendo, revive assim continuamente a experiência do fazer. Não há separação entre teoria e prática” (ABREU, 2004, p. 65).

Durante os ensaios, o mestre transmite seu conhecimento através do corpo e da oralidade. A transmissão da tradição, para acontecer, além dos novos integrantes que são incorporados ao grupo, deve ter a autoridade do mestre por trás dela. Assim, percebe-se que os saberes são transmitidos de uma geração a outra. Mestre Benon falava constantemente que para que um grupo de Guerreiro fosse forte, o mestre precisaria ter autoridade. De acordo com Benon, essa autoridade estaria relacionada com a firmeza que o mestre deve possuir para ensinar aos demais integrantes e para repreendê-los quando necessário.

Em relação aos convites que recebem para as apresentações, dois fatos incomodavam o Guerreiro do mestre Benon. O primeiro está relacionado ao tempo estipulado das apresentações. Normalmente o tempo combinado não passava de trinta minutos. Recorrentemente, ele e outros mestres de Guerreiros afirmavam que no passado não existia pressa para que acabasse logo: uma apresentação poderia ir do início da noite até ao amanhecer. As apresentações contratadas pela secretaria do estado de Alagoas e empresas de turismo possuem como público turistas que visitam Maceió. Ao entrar em contato com os mestres de folguedos, o contratante estipula o tempo de apresentação e o valor do cachê. Dessa forma, os mestres precisam selecionar bem as músicas que serão cantadas e dançadas nessas apresentações, pois com o tempo reduzido, não daria para apresentar o Guerreiro integralmente. Por exemplo, a parte intitulada “A louvação ao Divino”, que pode durar mais de vinte minutos, fica comprometida nos eventos.

Isso faz com que os grupos tenham dois momentos: o do ensaio, quando todas as partes podem ser repassadas, e o das apresentações, momento em que são abreviadas as partes do auto. Este último, segundo Carvalho (2010), é quando o Guerreiro se torna espetáculo. O segundo fato que leva um desconforto para os grupos está relacionado ao ponto de que nem todos os brincantes podem fazer parte de uma apresentação. Isso porque muitas vezes a pessoa, ou a empresa ou órgão público que convidou o grupo não pode arcar com a locomoção de todos os envolvidos e nem com as despesas de cachês e lanches. Então, percebe-se que além do tempo e dos brincantes em quantidade inferior ao do grupo, o mestre tem que reorganizar cada apresentação, conforme as exigências ao receber o convite.

Segundo José Jorge de Carvalho (2010, p.46) apesar das trocas existentes entre os mestres e mestras das culturas populares e os que fazem o convite para as apresentações, as perversidades e manipulações são muito presentes por parte destes. Principalmente quando os convites são realizados por prefeituras e governo estadual, cujo valor do cachê é mínimo e em geral há demora no repasse para os grupos⁸. Apesar das exigências, os grupos percebem os convites como uma forma de reconhecimento. Além do mais, apresentações ao público, seja para um grupo de turistas ou um grupo de pessoas que estão participando de um congresso, são sinônimo de prestígio.

Em entrevista, o mestre Benon indica que é muito bom fazer apresentações para as “pessoas de fora”. Entendendo esse fenômeno como a espetacularização do Guerreiro, uma vez que o objetivo é entreter outro grupo com fins diferentes do original. Carvalho (2010) escreve que:

Defino espetacularização como a operação típica da sociedade de massas, em que um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem (CARVALHO, 2010, p.47).

O Treme Terra, em 2014, suspendeu temporariamente seus ensaios, porque o Mestre Benon se encontrava com problemas de saúde, necessitando de repouso. Ainda debilitado fui lhe fazer uma visita naquele ano, e conversando com ele e com sua esposa, Dona Edleuza, pude entender a rotina de um grupo de Guerreiro e como transformação e preservação caminham juntas. Por conta do falecimento do mestre Benon, no primeiro semestre de 2016, o Treme Terra passou a não existir. O mestre Benon deixou muitos ensinamentos, mas só o tempo irá mostrar se as sementes do Guerreiro, que foram por ele plantadas, darão frutos.

⁸ Muitos mestres reclamam desta falta de compromisso. Em conversa com três mestres de Guerreiros de Maceió, nos momentos que eu visitava seus locais de ensaios, pude perceber que as reclamações não diferem.

A ROTINA DE UM FOLGUEDO NO AMBIENTE URBANO: dilemas de ser mestre na capital.

Em pesquisas antropológicas desenvolvidas em centros urbanos percebe-se que o “Outro” está presente na mesma sociedade do antropólogo. Magnani escreveu que: “[...] basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo se entra em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças, valores” (MAGNANI, 2010, p. 18). Em meio a tanta diversidade, o antropólogo deve estar consciente que o que se busca não é apenas o registro das diferenças, mas compreender os significados de tantos comportamentos distintos.

O grupo do mestre Benon era um dos maiores de Alagoas, no município de Maceió, onde recebia muitos convites para apresentações. Situado na periferia de Maceió, muitos participantes, que moravam em bairros circunvizinhos, não podiam estar presentes sempre nos ensaios, por causa de atividades de trabalho, dado que a maioria era de comerciantes ambulantes. O grupo de mestre Benon possuía muitas mulheres, crianças e homens. Percebi que o mestre equilibrava esses números, como ele relata: “Aqui no meu Guerreiro não importa se é homem, mulher ou menino (referindo-se às crianças) todos são importantes para a brincadeira” (Entrevista concedida a autora, 2014).

Mas, por ser um folguedo inserido na realidade urbana, o mestre Benon e diversos brincantes não podiam exercer seus papéis no folguedo todos os dias. Cada um possui sua profissão, então a participação no folguedo só podia ser vivenciada nos dias de folgas, aos finais de semana. Inclusive o próprio mestre afirmava que possuía 29 profissões. Nos dias dos encontros semanais, ele tinha que se adequar aos imprevistos que acabam influenciando diretamente o desenvolvimento dos ensaios. Apesar disso, os improvisos e a criatividade do mestre Benon e dos brincantes envolvidos era importante para que o Guerreiro sempre fosse renovado. Mesmo com certo saudosismo pelo passado, foi observado que o mestre Benon sempre acompanhou as mudanças externas ao seu grupo e inclusive defendia que era importante para ele, enquanto mestre, ter contato com as pessoas mais jovens, pois esta é uma maneira de preservar o seu Guerreiro. Transformar preservando o que é visto como a essência do grupo é muito importante para o futuro do brinquedo, segundo ele.

O mestre Benon afirmava que era melhor fazer os ensaios no período da noite, pois no horário vespertino muitas pessoas ainda estavam saindo dos trabalhos ou

terminando os afazeres domésticos. Os ensaios podem ser observados como os momentos de encontros e festa para o grupo (BARROSO, 2004, p.80). O sentido de festa, concordando com o que escreveu Souza (2005) é uma oposição ao cotidiano, mas que não pode ser pensada como uma realidade independente. Aliás, é o único momento em que todos os envolvidos no grupo podem se encontrar. Apesar de suas moradias serem relativamente próximas, o convívio diário é inexistente.

Dona Edleuza, esposa do mestre Benon, disse-me em uma visita que fiz a sua residência, em agosto de 2014, que o mestre Benon fazia miniaturas de chapéus de Guerreiro para vender. Perguntei-lhe sobre as vendas, onde elas eram realizadas e os valores. Ela me informou que houvera uma época que ela estava vendendo na orla marítima de Maceió, para os turistas. Foi ressaltado que as pessoas que vão visitar Maceió gostam de levar lembrancinhas com referências da cultura popular da cidade e que estes visitantes dão mais valor ao Guerreiro do que os seus conterrâneos. O valor de cada chapéu era de 20 reais, com suporte de madeira o valor passava para 30 reais⁹.

Essa atividade realizada pelos brincantes pode ser observada como um dos caminhos encontrados para que o contato com outras pessoas fosse realizado. Ao confeccionar o material que é representativo do seu folguedo com a intenção de comercializá-los, o mestre e os brincantes têm a oportunidade de divulgar seu engajamento no brinquedo. A ideia principal é que por meio dessa divulgação, convites para apresentações em eventos sejam realizados, pois os cachês recebidos ajudavam na manutenção do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo, por meio de minha experiência etnográfica com os brincantes, teve como objetivo apresentar um pouco sobre o folguedo dos Guerreiros, por meio da realidade do grupo do falecido mestre Benon. O Guerreiro não é apenas um folguedo colorido. Para muitos mestres e brincantes a relação com a religiosidade é importante e o ensinamento transmitido pelo mestre é fundamental.

⁹ Inclusive, na época da entrevista, D. Edleuza tinha planos de voltar a comercializar os objetos na praia, pois a alta temporada para o turismo estava chegando.

Assim, na primeira parte desse artigo, foi apresentado um pouco das características do Guerreiro: suas influências, sua estrutura, os personagens que fazem parte da brincadeira. Um importante símbolo desse folguedo é o grande chapéu espelhado, com formato que lembra as grandes catedrais católicas. Durante o desenvolvimento da pesquisa, ano de 2014, ficou evidente que para as pessoas envolvidas no Guerreiro, o chapéu é o objeto que mais deve ser respeitado por todos que se comprometem a fazer parte do grupo. Isso se dá pelo fato de o chapéu representar o poder do Deus em suas brincadeiras, segundo explicações do mestre Benon e de alguns brincantes.

No segundo momento, o foco foi apresentar a trajetória de mestre Benon nos folguedos. Conforme relatado, Benon começou muito cedo a participar das brincadeiras populares. Mesmo afirmando que ser mestre de grupo é um dom, pôde-se perceber, por meio de conversas que tive com ele, que a família exerceu grande influência para ele se tornar brincante, além dos ensinamentos das pessoas mais velhas que participaram de sua formação no Guerreiro, como a mestra Joana Gajuru.

No terceiro momento, a ideia foi apresentar os desafios que o grupo de Benon enfrentava para se manter ativo na cidade de Maceió. Alguns problemas como falta de brincantes, falta de tempo para os ensaios e falta de dinheiro para algumas atividades, como reforma na sede, confecção de roupas e aquisição de maquiagens, fazia com que mestre Benon criasse alternativas para que as atividades do grupo não fossem prejudicadas, como ensaios no horário noturno e vendas de suvenires de chapéus confeccionados artesanalmente pelo próprio Benon.

Dessa forma, fica claro que o saudoso mestre Benon e seu grupo de Guerreiro faziam o possível para que as atividades do folguedo que tinha sido ensinado há décadas continuassem vigorando. Infelizmente, o grupo Treme Terra Alagoano não existe mais. Depois da morte do mestre Benon, os brincantes se sentiram desmotivados a prosseguir na brincadeira. Isso porque sem alguém para ser mestre e líder, ficaria impossível haver sintonia dentro do grupo, como me foi relatado por uma brincante durante uma conversa por meio do telefone, meses depois da morte de Benon.

Antropologicamente falando, pesquisar um grupo de folguedo na cidade em que morei durante muitos anos, fez-me refletir a respeito do desafio de pesquisar uma realidade tão próxima fisicamente. Quando o campo foi iniciado, tudo que eu havia pensado a respeito do objeto a ser estudado não passava de meras ideias. O folguedo que

eu pensava conhecer, por ter visto diversas apresentações; por ter tido acesso aos arquivos de alguns pesquisadores como Théo Brandão e por ter tido avós que eram brincantes, não existia na realidade. Isso por dois motivos: o primeiro, por mais que o folguedo seja o mesmo, no caso desse artigo o Guerreiro, cada grupo possui sua própria dinâmica de ensaios e apresentações e sua forma de transmitir o saber. Cada grupo de Guerreiro tem suas particularidades e é isso que deixa o folguedo rico. Segundo, por mais que eu tivesse visto dezenas de apresentações, escutar as histórias dos meus parentes mais antigos e ter lido muitos materiais, só pude conhecer um grupo, no momento que eu dei a devida atenção às circunstâncias que acontecem quando o público não está presente. Esses momentos são de menos glamour esteticamente, mas é o melhor momento para conhecer as pessoas que dão vida à brincadeira e os valores que estão por trás do folguedo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. **Performance e Patrimônio Intangível: os mestres da arte.** In: Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UNB, 2004. p. 58-67.

BARROSO, Oswald. **Incorporação e memória na performance do ator brincante.** In: Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UNB, 2004. pp. 68-87.

BRAGA, Amaro Xavier. Mamulengo, frevo e acorda povo: resiliências da cultura afro-brasileira na cultura popular. **Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”.** Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. pp. 315-330. BRANDÃO, Théo. O Reisado Alagoano. Maceió: Edufal, 2007.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna.** Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, José Jorge. ‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina. **Revista Antropológicas**, 2010, ano 14, v. 21, n.1, p. 39-76.

CAVALCANTI, Bruno; BARROS, Rachel. Maceió, cidade negra, diversidade e especialidade de manifestações, bens e serviços afro-brasileiros. In: CAVALCANTI, Bruno; BARROS, Rachel; FERNANDES, Clara S. (orgs). **Afroatitudes.** Maceió: NEAB/Edufal, 2007, PP. 63-74.

DUARTE, Aberlado. **Folclore Negro das Alagoas**: áreas da cana de açúcar, pesquisa e interpretação. 2º Ed. Maceió: Edufal, 2010.

MAGNANI, J. Guilherme; TORRES, Lilian. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

GONÇALVES, Juliana. **Criar, Cantar e Dançar**: reflexões etnográficas do Guerreiro – folguedo alagoano. 2015. 156f. Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. **Os parentescos por brincadeira**. In: _____. Estrutura e função na sociedade primitiva. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SOUZA, Ricardo Luiz. Festa e Cultura Popular. **Revista Antropológicas**, 2005, ano 9, v. 16, n. 2, p. 99-132.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.